

Sasson estava doente e ela desejou, de súbito, ver o seu filho caçula. O ódio que ardia nos olhos dele inspirava-lhe piedade e, em seu coração, chamava-o Schmucl Borkas.

Quando o senhor Sasson sarou, foi trabalhar como pedreiro. Em um asilo de velhos, Clara achou o serviço de lavar pisos. Isso foi antes de terem sido construídos os barracões para eles e os postes de eletricidade para o acampamento. Não havia carne, e eles comiam beringelas e peixe. Depois veio um inverno difícil e choveu seis dias sem parar. A tenda ficou cheia de água e eles rezaram a Deus. Após o sofrimento de alguns dias com gripe forte na tenda inundada, mudaram para o barracão.

Mais tarde foram morar numa ruína perto de Jaffa, num lugar chamado Djabeliyeh. Naquelas casas semidestruídas, anteriormente haviam morado árabes. Poloneses abriram uma padaria na frente, e o cheiro do pão fresco enchia as narinas de desejos fortes. Diziam que ela era a mulher mais bela do bairro e os jovens que voltavam da guerra cortejavam-na.

O senhor Sasson teve que ser hospitalizado em Sarafand. De noite, Clara ia visitá-lo, levando-lhe as comidas que cozinhará para ele. Ele acariciava suas faces e dizia: “— Seria melhor que eu morresse.” Ela respondia: “— Não fale assim, senhor Sasson. Veja, estamos livres em nossa terra, há Ben Gurion, um Estado e somos todos irmãos.” E, de repente, sem saber como, Clara sabia coisas que nunca soubera. Aprendeu hebraico, bem devagar, mas todo mundo falava ladino, menos os poloneses e os romenos, que abriram um restaurante onde serviam bifés do mercado negro, em bandejas de madeira. Clara lavava a louça e o chão. Aprendeu até a cozinhar pratos romenos, mas ela sabia que Schmucl Abuman preferia as comidas que ela preparava para o senhor Sasson. Não sabia onde Schmucl morava e uma vez sonhou que a mulher dele vinha com unhas afiadas para arranhá-la e não sabia mais se era ela arranhando um alemão de mãos delicadas ou era uma mulher que, de repente não tinha rosto.

No restaurante romeno, Clara encontrou o senhor Halfon, que quis casar com ela. Ela perguntou: “— Que é que o senhor quer dizer? Eu estou casada com o senhor Sasson.” E Halfon disse: “— E se ele morrer, que é que você vai fazer?” Ela achou que ele falava de maneira engraçada e terrível. Quando comia, havia lágrimas em seus olhos; e ela não sabia por que, mas não gostava de pessoas que queriam que se tivesse pena delas. Dessa maneira, porém, foi que aprendeu o que nunca soubera: a ter pena dela mesma, e dizia: “O senhor Halfon quer casar comigo; e meus filhos não têm roupas de inverno; eu lavo assoalhos e minhas pernas doem.”

Desprezou-se, no entanto, por aqueles pensamentos, quando o senhor Halfon mostrou-lhe as fotografias que trouxera de lá e ela viu uma fossa profunda na terra e gente nua na neve e soldados croatas com fuzis para matá-los e um monge dando-lhes a última bênção. Ela

não sabia se o monge era o seu filho, mas pensou: “Por que não?” Então foi procurar a mulher que expulsara satã dos pulmões do senhor Sasson — que ainda cuspiam sangue desde que voltara do hospital e pediu-lhe para arrancar o filho de dentro de si mesma.

Ela deitou-se na cama, e a mulher e o homem de turbante esfarelaram pão ázimo com dentes de alho em um copo de água, e expulsaram seu filho de dentro dela. Ele saiu causando-lhe fortes dores, mas ela se conteve e não chorou. Lembrou-se de como ele nascera, o seu predileto, de como era doce e bonito quando nascera. Mas seu ventre estava agora limpo dele, e a sua lembrança abandonou-a por muito tempo.

O senhor Sasson não podia mais trabalhar; e Myuhas, seu primogênito, foi levado pela polícia. Myuhas sorriu para ela e disse que o chamavam de “Engana-Morte”. O sorriso em seu rosto era estranho, e ela sentiu que não vinha dele, estava como que colado em seu rosto para defendê-lo de algo assustador. Após a primeira prisão do filho, Clara largou o romeno que vendia bifés de carne de camelo e empurrava-a para os cantos escuros. E foi trabalhar com a família Ronen, na rua Ben-Yehuda.

* * *

A família Ronen possuía um apartamento grande com muitos livros e quadros e três filhos que lhe pareceram sorvetes de palito. A senhora Ronen disse-lhe que ela era mais primitiva do que as árabes que haviam trabalhado em sua casa de Jerusalém antes da guerra. E mandou-a comprar peixe defumado no mercado negro. Ela trouxe peixe defumado para o almoço da senhora Ronen e recebeu uma sopa turva. Encerrou o chão para que ficasse bastante brilhante para os delicados pés das crianças que lhe pareciam sorvetes de palito. Myuhas escreveu-lhe uma carta da prisão, mas ela não sabia ler a carta dele.

Foi então que Schmucl Abuman veio morar em Djabeliyeh. Ele recebeu uma ruína maior do que a dela e reconstruiu-a com as próprias mãos. A esposa dele não saía de casa, e Clara nunca a viu. Mas as janelas da casa eram tão sujas, que ela não se conteve e uma noite foi limpá-las com um trapo e um balde de água e sabão. Não sabia se os olhos que a observavam de dentro da casa eram os olhos da mulher ou de outra pessoa; no escuro, ela não podia distinguir-lhes a cor.

Homens interpelavam-na na rua e ela dizia: “— Vocês querem moças para amar e eu sou velha.” E ria em seu coração. Schmucl Abuman trabalhava na prefeitura e distribuía chá. Ele contou-lhe que o chamavam ‘Samul, o grande’, e ela riu — isso foi na mercearia do tripolitano, quando ela foi comprar fósforos. Schmucl Abuman disse-